

A PELEJA DA CIÊNCIA COM A SABEDORIA POPULAR: UMA ANÁLISE SOBRE O EMBATE ENTRE A CULTURA ERUDITA E A CULTURA POPULAR NO CORDEL DE ANTÔNIO VIEIRA

Rosana Almeida Junqueira
Mestrado em Literatura e Cultura – UFBA
raj.junqueira@hotmail.com

RESUMO

Neste artigo retomo através da análise do cordel *A Peleja da Ciência com a Sabedoria Popular*, de Antônio Vieira, algumas considerações relacionadas ao embate entre a cultura erudita e a cultura popular. Focalizei a análise do cordel na religiosidade, língua, e literatura no intuito de apresentar o processo de reversão do discurso hegemônico operado pela personagem Sabedoria Popular.

Palavras-chave: Literatura de cordel, Antônio Vieira, cultura, erudito, popular.

ABSTRACT

In this article, I retake, through the analysis of the cordel *A Peleja da Ciência com a Sabedoria Popular*, from Antônio Vieira, some considerations related to the shock between erudite culture versus popular culture. I focused the analysis on the religiousness, language and literature, in order to present the process of reversing of the hegemonic speech operated by the Popular Wisdom character.

Keywords: "literature of Cordel", Antônio Vieira, culture, erudite, popular

Pendurar poemas em cordas expostos nas ruas, possibilitando o acesso de todos, faz parte do ritual de um tipo de literatura bastante rica denominada literatura de cordel. Ao analisar estes simplificados folhetos de tão ricos versos, acompanhamos uma literatura que caminha pelas margens, rompendo a partir da produção de seus grandes cordelistas as muralhas que a separam de uma literatura considerada maior. Com versos que traduzem a oralidade do povo e, principalmente, seus costumes, a literatura de cordel traz para o cenário brasileiro, um outro olhar sobre a cultura, rasurando conceitos binários que ocupam a tradição ocidental.

O cordelista santamarense, Antônio Vieira, privilegiado neste trabalho traz para cena moderna o embate entre duas personagens: A Ciência e a Sabedoria Popular. Ao expor o contraste entre os dois discursos, o autor aponta várias características do que denomina "cordel remoçado", o que corresponde a diversão, informação e popularização de conhecimentos e humanização de pessoas.

A peleja nos cordéis configura-se como estratégia estilística muito utilizada pelos cordelistas para demonstrarem uma problemática a ser resolvida por meio de uma conciliação final. A exposição das ideias são colocadas em evidencia e os combatentes enunciam os pontos de vista de cada interlocutor. Na "*Peleja da ciência com a sabedoria popular*", o embate conduz o leitor a presenciar o jogo encenado pelas duas debatedoras que anunciam, a partir da troca de falas e lugares, posicionamentos que marcam, a todo momento a tentativa de dominação da Ciência sobre a Sabedoria popular, e em contrapartida, o processo de análise e reversão do discurso científico pela personagem subjugada.

O "campo de batalha" exposto no cordel, que será analisado, apresenta a tentativa de apagamento da cultura erudita, representada pela personagem Ciência, sobre a cultura popular, representada pela personagem Sabedoria, comportamento emblemático se lembrarmos os investimentos realizados durante todo processo de colonização, em que determinadas

culturas sofreram com o processo de silenciamento ou apagamento durante o período de dominação.

Aqui vale destacar uma parte do prefácio do cordel em que Antônio Vieira expõe uma preocupação bastante contemporânea sobre a história do Brasil, revelando uma certa inquietação quanto a uniformidade que tomam as questões relacionadas a cultura em um país tão diverso:

“A história do Brasil tão somente se fixa em fatos lineares, ligados ao poder central e às populações das grandes metrópoles, principalmente, Rio de Janeiro e São Paulo; isto desde o Brasil colônia. Ainda hoje, não obstante a abundância dos meios de comunicação, a História Brasileira continua sendo feita da mesma forma. O arraigamento a esse princípio chega a dar a impressão de que os cento e oitenta milhões de habitantes que somos, se resumem em apenas algumas centenas de pessoas” (VIEIRA, 2005).

O escritor ainda nos informa, que uma cultura tão heterogênea, como a brasileira, não pode ser vista por um único viés, ou seja, descortinada pelo olhar do centro. Esse tipo de medida, segundo o cordelista Antônio Vieira (2005), “causa prejuízos incalculáveis, porque as ações sempre são comandadas de longe e aí se peca principalmente pelo descobrimento”. Um bom exemplo, no passado, foi o genocídio cometido contra Canudos, o maior absurdo que o governo central pode cometer contra seu próprio povo, que dizimou homens, mulheres e crianças em prol de um poder central, a República. Não esquecendo aqui de destacar o número de índios e negros, que foram dizimados ao longo destes terríveis séculos sangrentos, em que o poder central banuiu estes sujeitos do território brasileiro, em prol de um insano projeto de expansão.

Ainda no prefácio, o escritor demonstra a sua indignação com as questões binárias que ocuparam a história brasileira, em que um determinado pólo foi sempre privilegiado, em detrimento de outro que sempre sofreu a tentativa de apagamento e negação através de diversos mecanismos de silenciamento, problemática que será veementemente discutida no cordel pelo escritor.

Ao analisar a perversidade do processo de globalização, Milton Santos (2006) elege um tópico para discussão: a imposição e a influência de uma

determinada “cultura de massa” sobre a “cultura popular”. No tópico, *Cultura de massas, cultura popular*, o autor expõe ao leitor como dentro de uma determinada cultura, a presença da “cultura de massa” dentro de um determinado espaço procura homogeneizar e impor-se sobre a “cultura popular”. Assim informa que, “um primeiro movimento é resultado do empenho vertical unificador, homogeneizador, conduzido por um mercado cego, indiferente às heranças e as realidades atuais dos lugares e das sociedades” (SANTOS, 2006).

Por outro lado, afirma Milton Santos que esta conquista da cultura de massa sobre uma outra cultura, a popular, nunca se dá de forma completa, pois encontra resistência da cultura preexistente:

“Mas há também – e felizmente- a possibilidade, cada vez mais frequente, de uma revanche da cultura popular sobre a cultura de massa, quando, por exemplo, ela se funde mediante ao uso de instrumentos que na origem são próprios da cultura de massas. Nesse caso, a cultura popular exerce sua qualidade de discurso dos “de baixo”, pondo em revelo, o cotidiano dos pobres, das minorias, dos excluídos, por meio da exaltação da vida de todos os dias” (SANTOS, 2006).

É a partir desta perspectiva de resistência e reversão do discurso hegemônico que será analisado o posicionamento da personagem *Sabedoria Popular* no cordel de Antônio Vieira, no intuito de demonstrar, como o escritor viabiliza através de uma possível conciliação final entre as duas forças que se apresentam de forma excludente, propor uma forma de união entre o erudito e popular, atitude que considera de total importância, para a sobrevivência dos povos em geral.

O cordel intitulado *A Peleja da Ciência com a Sabedoria Popular* é apenas um dos cem livretos escritos pelo cordelista Antônio Vieira, nascido em Santo Amaro, no ano de 1949. Aqui será analisado apenas alguns trechos deste extenso cordel, que possui sessenta e três páginas no total.

O debate inicia a partir da apresentação do narrador, que se apresenta como um artista de rua, convidando o leitor a testemunhar o conflito entre as duas personagens principais:

“N: Leitor vou lhe pedir/Um pouco de atenção/ Pra história que vou contar/Por favor não negue não/ É um tema importante/ Exige compreensão.

Trata-se de uma peleja/Travada através dos tempos/ Onde as duas contedoras/ Andam atrás de um consenso/ Contudo, as duas partes/ Dão banho de ensinamento.” (VIEIRA, 2005, p.1).

Depois do discurso introdutório do narrador, o palco é entregue as duas personagens. De um lado a Ciência, que se apresenta como superior, e apropria-se do discurso científico para compor seus principais argumentos, do outro, a Sabedoria Popular, sempre atenta para rebater os estereótipos e preconceitos trazidos pelo formato de um discurso verticalizado, como verifica-se nos trechos abaixo:

“C: A ciência iniciou/Com toda sua teoria/Procurando ignorar/A natural Sabedoria/ Que se manteve serena/ respondendo o que sabia.

C: Eu sou a grande ciência/ O que eu digo tem valor/ Sou a própria sapiência/ Quem não estiver comigo/ Pra falar só com licença!...

C: Você precisa entender/ Que sua vez acabou/ Fique quietinha em seu canto/ Quem cura agora é doutor/ Charlatanismo é crime!.../ Da licença, por favor” (VIEIRA, 2005, p. 2).

O discurso científico, que se apresenta no cordel, ainda reverbera a mesma superioridade dos discursos científicos do século XIX, que surgiram como recurso avaliativo para todas as questões referentes à cultura. A visão unilateral e “esclarecedora” dos cientistas ignoravam a diversidade de conhecimento dos povos, discriminando qualquer tipo de prática, que não estivesse referenciada pelo poder da ciência da época.

O que propõe o narrador, que também age como apaziguador no palco do cordel, é a conciliação entre as duas e que as rivalidades não perpetuem a exclusão de nenhuma delas, já que em muitos lugares, a medicina não está presente:

“N: As duas se completam/ Se equivalem também/ Quando uma está ausente/ Quem procura a outra tem/ Uma sempre anda na frente/ Sabendo que a outra vem” (VIEIRA, 2005, p. 2).

Diferente do discurso verticalizado da Ciência, a Sabedoria Popular se apropria de argumentos relacionados a tradição dos povos que viveram antes da chegada do discurso científico para rebater as críticas, considerando a importância da tradição dos povos antigos, que curavam sem o auxílio da ciência considerada “maior”. Os processos simplificados de cura, apesar da escassez, representavam para aqueles povos, a única forma de curar os doentes, o que nos faz acreditar, que cada época e cada povo, possui a ciência, que determinado tempo pode oferecer:

“S: Então a Sabedoria Popular, se apresentou: _ Eu represento a mim mesma/ Desde quando aqui estou/ Confesso que vim primeiro/ Do que qualquer um doutor!

S: E você aonde estava/ Que não veio para cá/ Quando isso era só mata/ O céu azul e o mar/ E eu curava doenças/ Somente a base de chá?!

S: Você não estava presente/ Quando a malária batia/ Quando alguém se cortava/ Quando uma mulher paria/ Quando o caso complicava/ Se eu não chegasse morria.!

S: Continua enganada/ Incisiva e radical/ Tudo que existe na terra./ Tem uma função natural./ Até hoje tem quem queira/ O meu chá medicinal” (VIEIRA, 2005, p. 3).

Para Milton Santos (2006), a valorização dos símbolos da cultura “de baixo” são importantes porque são portadores de “verdade” e agem em contraste com os símbolos da cultura de massa, que são efêmeros e, por isso, precisam sempre serem substituídos. O discurso da Sabedoria Popular revela que os homens se utilizavam de outros recursos para realizarem o processo de cura antes da chegada dos métodos científicos. A valorização dos elementos da natureza pela S.P nos revela a importância da relação homem-cultura, que se estabelece sobre outros pilares, como a importante relação deste com as questões da natureza, priorizando a tradição desses povos.

A Poesia popular: O cânone literário

É também no prefácio que se encontra uma importante conclusão exposta pelo cordelista e escritor, aqui estudado, quanto a questão que

corresponde hoje, as relações canônicas que envolvem a literatura nacional. O relato demonstra como o cânone literário e os procedimentos que legitimavam os poetas eram arbitrários, principalmente, quando se analisa o contexto social brasileiro, como afirma Antônio Vieira, no trecho abaixo:

“Enquanto Olavo Bilac, que nascera em 1865 e falecera em 1918, era eleito o príncipe dos poetas brasileiros, por um grupo de trinta e nove jurados, de um concurso promovido pela revista Fon Fon, no Rio de Janeiro; Leandro Gomes de Barros, que coincidente nascera em 1865 na Paraíba e falecera em 1918 em Recife, já informava o povo, não só por intermédio da diversificação das histórias, trazidas em prosa pelos colonizadores; mas também através de sua próprias narrativas, muitas delas em evidência até hoje. Segundo a crítica, a obra de Bilac está resumida a trinta e cinco sonetos, dentre o famoso, Ouvir Estrelas, pelo qual foi premiado. Já, Leandro, em 1913, ano do concurso que elegeu Bilac, publicou: A Batalha de Oliveiros contra Ferrabás, A História da donzela Teodora, O cachorro dos Mortos...dentre mais de mil trabalhos, além da façanha de ser o primeiro cordelista a ter um cordel impresso, provavelmente entre 1902 e 1904” (VIEIRA, 2005).

Na citação acima, fica bastante evidente, como o sistema que elege um poeta em detrimento a outro é formado por um pequeno grupo de intelectuais, que considera ser mais representativo a produção de determinado poeta, do que de outro. Cabe enfatizar que a decisão de premiar Olavo Bilac parte de um grupo do centro do país, onde as decisões, como afirma Antônio Vieira, eram tomadas sem considerar a diversidade literária de um país que já produzia um tipo de literatura que se enunciava fora do centro. A arbitrariedade da escolha demonstra como os poetas que estavam à margem da sociedade daquela época não mereceram o olhar da crítica carioca e ficaram de fora do panteão sagrado da cultura nacional. Para Boaventura de Sousa (2008), “o cânone literário na cultura ocidental entende-se como o conjunto de obras literárias que, num determinado momento histórico, os intelectuais e as instituições dominantes ou hegemônicas consideram ser os mais representativos e os de maior valor e autoridade numa dada cultura oficial.”Porém, recorrendo aos principais representantes da nossa literatura nacional, não figuram entre os escolhidos, uma série de poetas negros, nordestinos, mulheres, entre outros, que mereciam pertencer ao cânone nacional, tanto quanto os que lá estão, como afirma a Sabedoria Popular, no trecho abaixo, parafraseando Drummond:

"S.P: Carlos Drummond de Andrade/ Em setenta e seis dizia/ Quando elegeram Olavo Bilac/ O príncipe da poesia/ Que aquela homenagem/ A Leandro caberia.

S.P: Por isso disse Drummond/ Jurados mal informados/ Não conheciam o Nordeste/ Nem o seu poeta afamado/ Ficaram restritos ao Rio/ Como se todo Brasil/ Fosse ali representado." (VIEIRA, 2005,p. 3).

O tema será abordado também na *Peleja da Ciência com Sabedoria Popular*, quando a Ciência pretende falar sobre a diferença entre "Poesia x poesia popular". A discussão, ou melhor, o embate se dá a partir de uma série de julgamentos estereotipados da Ciência, que tenta justificar que um certo tipo de poesia difere de outra, a partir de procedimentos literários que as diferenciam. Porém os contra-argumentos da Sabedoria Popular revelam a resistência e a valorização de um tipo de poesia que emerge da oralidade do seu povo e é representada por poetas que estão à margem da sociedade.

"C: Poesia Popular?!/ O que tem essa de raro, Dela eu conheço tudo/ Não precisei de preparo/ Qualquer um pode fazê-la/ É como jogar baralho!

S.P: Eu sei que você, ciência./ Quer ser a dona da bola/ Mas tem coisas que acontecem/ Mesmo você estando fora/ Poesia, por exemplo/ Independe da senhora.

C: Se independe de mim?!/ Por isso é que se escreve errado/ Não aprende a pontuar/ Não sabe fazer ditado/ Trocam letras e palavras/ Comete gafe adoidado.

S.P: O poeta popular/ Pode até cometer gafes/ De pronuncia e de acento/ Esquecer algumas partes/ Mas mesmo sem gramática/ Inda faz obra de arte (...)

C: (...) Mas voltando a falar/ De nossa antiga disputa/ Confesso não ter base/ Da poesia matuta/ Minha praia são poemas/ Da literatura culta.

S.P: A poesia é uma só/ Não se pode separar/ Viajou num só mocó/ Quando veio para cá/ o poeta brasileiro/ Não custou assimilar.

C: (...) Literatura de Cordel/ É poesia marginal/ Mercadoria de feira/ Em português informal/ Não queira você aqui/ Dizer que ela é a tal!...

S.P: Pode até não parecer/ E você achar que é troça/ Porquanto o cordelista/ Normalmente vem da roça/ Mas acredite, você/ O cordel que o povo lê/ É oriundo da Europa." (VIEIRA, 2005, p 11).

O processo de diferenciação iniciado pela Ciência se afirma sobre o modo de exclusão e difamação de características presentes na poesia popular, que não figuram no seu repertório literário, como descreve, "confesso não ter base da poesia matuta". Primeiro, ignora o processo de composição do poeta popular, informando que qualquer um pode fazer esse tipo de poesia, mesmo o processo de criação, sendo caracterizado por uma

métrica específica, que se diferencia de cordel para cordel, dependendo da escolha do cordelista. Sabe-se que os cantadores e cordelistas foram adaptando e modificando o sistema métrico europeu de acordo com as suas necessidades. As estrofes mais comuns são as de dez, oito ou seis versos e as capas são ornamentadas pela técnica da xilogravura, arte desenvolvida pelo próprio povo. Mas, para Ciência, isso tudo ainda é muito rudimentar.

Segundo, aponta o sistema de escrita gramatical, que compõe o cordel, como deficiente, pelo poeta "não saber" escrever corretamente, "Não sabe pontuar/ Não sabem fazer ditado/ Trocam letras e palavras/ Comete gafe adoidado." Este segundo ponto revela que a "Poesia" considerada correta pela Ciência é, justamente, aquela que prima pelos valores e códigos da língua culta, desconsiderando a variação lingüística e a oralidade, tão presente na poesia popular, por isso, é considerada poesia marginal por ser também escrita em português informal. O processo comparativo exposto pela Ciência atravessou todos os períodos da nossa literatura nacional e ainda hoje, se constitui como modelo para diferenciar um poeta "maior", de um poeta considerado "menor", ou de um tipo literatura "maior" de uma "menor". Mudam-se os tempos, mas nem tanto, as vontades. O que seriam os critérios de literariedade senão a voz da Ciência ecoando nos tempos contemporâneos.

O processo reversão do discurso da Ciência pela Sabedoria Popular se dá a partir do reconhecimento da heterogeneidade e da multiplicidade que compõe a poesia popular, que é potencializada pela diversidade encontrada no universo do povo. O mosaico que a constitui prioriza as histórias locais; ou seja, as danças, a linguagem, o artesanato, a música e os heróis, que são sempre homens simples. O cordel *remoçado*, que era como Vieira caracterizava sua própria produção, era constituído "por histórias populares, com ritmos de diversão, informação, popularização de conhecimento e humanização de pessoas." É a partir desta perspectiva, que a literatura de cordel considerada marginal e "menor", emerge também como força dentro de uma dada cultura, enunciado-se como produção artística informativa,

propagando a reflexão de seu povo como verificamos nos trechos abaixo em mais uma afirmação da personagem S.P.

“S.P: Sabedoria do povo/ É tudo da vida humana/ São as histórias e mitos/ A lenda, a dança, ikebana/ Encantamentos e juras/ Parlendas e diabruras/ Rezas com folha coreana.

S.P: A experiência do povo/ Nas mais eruditas classes/ Está nas superstições/ Nos talismãs, nos disfarces/ Tá na sexta-feira 13/ Bater no pau por três vezes/ Escada, embaixo, não passe!

S.P: A escola perde tempo/Precioso por sinal/ Em não ter feito a fusão/ Com o conhecimento oral/ E enquanto não fizer/ O homem e a mulher/ Vão perdendo o cabedal.” (VIEIRA, 2005, p 14).

É através da valorização de elementos que não figuram no discurso canônico e hegemônico que o poeta popular encontra o material para compor as suas poesias, proporcionando, como afirma Stuart Hall (2003), “o reconhecimento da textualidade e do poder cultural, da própria representação, como local de poder e de regulamentação; do símbolo como fonte de identidade.”

O cordel apresentado desnuda a tentativa de unificação e uniformização por parte da Ciência, que reverbera um discurso cultuado por alguns intelectuais, cientistas, acadêmicos, sociólogos, antropólogos, entre outros, que em determinadas épocas da história brasileira não consideraram a diversidade cultural do povo brasileiro. Muitos episódios estão ligados justamente a questão da língua nacional, que foi se erguendo sobre o apagamento das línguas indígenas e africanas e também, a questão da literatura nacional, que foi se delineando sem “tocar nas margens”. Segundo Walter Mignolo, estas duas questões comprometeram a emergência das histórias locais, como sinaliza:

“Uma das armas poderosas para a construção das comunidades imaginadas homogêneas foi a crença numa língua nacional, ligada a uma literatura nacional, que contribuísse, no domínio da língua, para a cultura nacional. Ademais, a cumplicidade entre língua, literatura, cultura e nação relacionava-se também com a ordem geopolítica e as fronteiras geográficas. Língua e Literatura faziam parte de uma ideologia de Estado.” (MIGNOLO, 2003, p. 299).

Todo processo de reversão que ecoa na voz da personagem da Sabedoria popular procura, através de brechas encontradas no próprio discurso hegemônico, identificar como a literatura de um povo não se

constrói de forma unilateral. Mesmo uma literatura trazida da Europa, sofre e se transforma a partir das marcas que ganha da cultura local, como o narrador da peleja nos informa:

“N: Leitores eu vou contar/ E este é meu papel/ De poeta, cordelista/ Cantador de menestrel/ Como tudo começou/ De que forma aqui chegou/ O livreto do cordel.

Ele chegou ao Brasil/ Com os colonizadores/Portanto, os portugueses/Foram os seus introdutores/ Eles trouxeram para cá/ Desde canções de ninar/ A feitos conquistadores.

Não resta dúvida que assim aconteceu/ Com tudo que eles trouxeram/ A mistura sucedeu/ Também a Literatura/ Assumiu outra estrutura/ Com a fusão que se deu.

Foi a miscigenação/ No sentido literal/ Índio falando Tupi/ Entendeu-se com Cabral/ A negra Costa da Mina/ Ao Curumim logo ensina/ Dos orixás, ritual.” (VIEIRA, 2005, p. 25-26).

O narrador ainda lamenta a ausência dos nomes dos poetas populares no currículo das escolas, e da falta de atenção com as comunidades que se utilizavam da oralidade para compor e perpetuar as suas estórias:

“N: Do poeta Francisco das Chagas Batista, e Firino Goes Jurema/ Não estarem seus nomes me dá pena/ No contexto duma sala de aula/ o aluno deveria bater palmas/ Saber de cada um o nome todo/ Se sentir empolgado e orgulhoso/ Falar deles pros menor de idade/ Os nomes dos poetas populares/ Deveriam estar na boca do povo.” (VIEIRA, 2005, p.57).

Os “anônimos” acima citados também fazem parte da literatura nacional, e como afirma o narrador, deveriam estar na boca do povo, pois a oralidade de um povo é representada nos cordéis destes homens, que repaginam e perpetuam a história de grandes homens que viveram no nordeste, mantendo viva através da literatura de cordel, a história de cidades, comunidades, as lutas e os nomes dos povos africanos, ciganos, indígenas, seus ídolos, além de uma série de questões indentityárias.

O cordel aqui apresentado traz somente uma parte da imensidão de nomes e histórias que são reveladas pelo cordelista Antônio Vieira. Outras questões poderiam ser abordadas como a música, a religião, as artes, a história do cangaço e a importância de nomes como, Cuíca de Santo Amaro, Papada e Maxado Nordestino, João Crispim, Bule Bule, Jotacê, Rodolfo Cavalcante, Zumbi, Silvino Piruá de Lima, Corisco, Lampião, entre outros.

Analisar a cultura que emerge a partir do olhar de um poeta, que pertence e aprecia de perto a história que o circunda, a partir de outros códigos e valores locais, é imaginar uma outra forma de contar as histórias que não foram tocadas, ou simplesmente apagadas da literatura nacional. Assim, o trabalho preocupou-se com alguns os “conflitos” trazidos pelo cordelista Antônio Vieira, por acreditar que este, analisa a cultura popular de uma outra forma, problematizando as questões que a envolve, no intuito de desestabilizar as más representações que povoaram estes temas.

Referências

GILROY, Paul. (2007). Identidade, pertencimento, e a crítica da similitude pura. In:_____. *Entre campos: nações, culturas e o fascínio da raça*. Tradução Celia Maria Marinho de Azevedo. São Paulo: Annablume.

HALL, Stuart. (2003). *Estudos Culturais: seu legado teórico*. In:_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG.

MIGNOLO, Walter. (2003). *Histórias locais/ Projetos globais*. Belo Horizonte: UFMG.

SANTOS, Boa Ventura de Sousa. (2008). *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez.

SANTOS, Milton. (2006). A transição em marcha. In:_____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record.

VIEIRA, Antônio. (2002). *A Peleja da Ciência com a Sabedoria Popular*. Salvador: BERINJELA.